

José de Mesquita
Do Centro Mato-grossense de Letras

Terra do Berço

Prefácio de D. Aquino Corrêa
Da Academia Brasileira de Letras



Malinverno, Tapera abandonada

CUIABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
MCMXXVII

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Terra do berço! Terra evocativa e linda!

(D. Aquino Corrêa — A Laranjeira Cuiabana)

DO AUCTOR:

Poesias	1919
Elogio histórico do Dr. Antônio Corrêa da Costa	1920
O Catholicismo e a Mulher (discurso)	1925
Elogio fúnebre do General Caetano de Albuquerque	1926

Em preparação:

A Cavallhada (contos Mato-grossenses)

Tabua

Prefacio 5

Mato Grosso heróico

Canção Mato-grossense	15
Os descobridores	17
Civitas Mater	18
A Serra dos Martírios	19
Novo Bandeirante	20
O Brasão de minha terra	23
DOURADOS	24

Símbolos

A Garça	32
Arvore Morta	33
Águas batidas	34

Mato Grosso evocativo

Terras ancestraes	36
A velha Cathedral	38
Tapera	40
A cruz do morro	43
Romance esquecido	44
Diamantino	48
O Cruzeiro da «Aldeia Velha»	49
O Tarumeiro	50
A alma das velhas casas	54
Sinhá Violante	55

Mato Grosso pinturesco

Impressões e paisagens:

O ângelus do sertão	63
Beira de rio	64
Vivenda ideal	65
Noite na Serra	66
Flor do mato	67
Primeiros frios	68
Vida rústica	69
Tarde de verão	70
Chapada	71
A passagem do noturno	72
Natal sertanejo	73
Diante de uma tela	75
Bilhete da chácara	77
Sol com lua	80
Coxipó	82

Tipos e figuras:

O Carreiro	88
A Caipirinha	89
Negro velho	91
Bucólica regional	94

Tradições e costumes:

Missa das cinco	96
Junho	98
O Samba	101
No «retiro»	102

Prefacio

Vim reler estes versos em pleno contado com a natureza bruta da minha terra, por entre os lindos pantanaes que ressurgem das águas, verdejando amplamente ao sol de junho.

Emquanto leio e escrevo, a bordo da lancha, que vae rodando rio abaixo, entreolha-me a flor nômade dos camalotes, e bordejam sobre o convéz, em revoadas ariscas, as pernaltas selvagens.

Dir-se-ia este o melhor ambiente para entender e sentir as paginas, que ahi vão, reçumantes todas de poesia mattogrossense.

Mas eu preferira outro scenario. Quizera antes uma das nossas taperas históricas, uma dessas ruínas anciãs, onde tudo, desde o esteio nu e solitário até o silencio, que é a voz do passado, fala-nos do tempo de outr'ora.

É que tal se me afigura a athmosphera natal e vital da musa doce e nostálgica deste livro.

Confessa-o alhures o próprio poeta:

*Tenho uma alma de rude e primitivo,
cheia da nostalgia do passado,
e no presente a contragosto vivo,
como um pobre exilado.*

*Estas causas presentes que aos de agora
tamanho gosto e encantamento trazem,
aos meus olhos, tão cheios das de outr'ora,
nenhum effeito fazem.*

*Elles, coitados! vêm diversamente
do que o geral dos homens desta idade,
que, entregues ao egoísmo do presente,
ignoram a saudade.
(Hellade — poesias)*

Nunca elle vive e canta melhor, nunca nos impressiona mais, do que celebrando as «cousas antigas», «a velha Cathedral», «a alma das velhas casas », o «negro velho », ou revivendo o romance colonial de «Sinhá Violante ».

Escutae-o :

*Um velho móvel tem muito mais eloquência,
que os compêndios da fria e árida sciencia ;
um antigo papel guarda em sua leitura
toda a recordação de uma existência obscura.*

*E nesse ar de tristeza e magoa que lhe vemos,
nós - homens fúteis e vazios - aprendemos
esta grande lição de alcance alto e profundo,
de que tudo é illusão e vaidade no mundo.
Por isso é que eu adoto essas cousas antigas,
que têm o ar grave e bom das pessoas amigas
(Causas antigas — Poesias)*

Ou em «Alma das velhas casas»:

*No silencio do posmeridiao grave e ardente,
entrei a velha casa, onde vivera outr'ora,
quando, ainda alma em flor e corpo adolescente,
era luz, era ardor, era sonho, era aurora.*

*A sala ampla e deserta, a varanda silente,
echoam do meu passo ao ruído e, frio agora,
o quarto onde dormia é lúgubre e dolente
e o terreiro ermo e nu de rosas não se enflora.*

*É secco o algibe. Chora urna rôla num galho.
Abro o velho portão. Galgo a estéril, maninha
gleba de morro, mal vestida de cascalho...*

*E desses que — ai de mim! Outr'ora: aqui viveram,
resta, pairando no ar, a alma triste e sozinha
das velhas casas cujos donos já morreram!*

E nestes últimos tercetos de «A velha Cathedral :

*Saias de tafetá e fardões de escarlata
enchem o templo donde um murmúrio se arranca,
entre a scintillação dos castiçaes de prata.*

*E na capella-mór, do incenso entre a espiral,
Dom Luiz de Ptolomaida ergue a mão fina e branca,
lançando ao povo a sua bençam pastoral.*

Não ha duvidar: José de Mesquita é o poeta das evocações melancólicas e suaves do passado. Logre, embora, á força de talento, agradar em qualquer gênero, acha-se menos bem, ao vibrar a nota álcacre dos enthusiasmos, e quando empunha, por vezes, a tuba épica, sente-se-lhe algo do jovem David sob a panoplia grave de Saul.

O seu coração deve de se parecer, em alguma forma, áquelle cravo saudoso, de que nos fala o mestre illuminador das *Miniaturas*:

*Uma noite estendi a musica na estante,
E o cravo suspirou. Naquelle mesmo instante,
Da ebúrnea pallidez doentia do teclado,
Manso e manso, evolou-se o aroma do passado.*

José de Mesquita, comquanto moço, não é um novo: data de 1919 o seu primeiro volume de versos.

Nova, sim, é a poesia, com que nos elle hoje mimoseia. Alberto de Oliveira começou cantando as deusas e os mythos hellenicos, para acabar namorando as águas, as flores e toda a belleza nacional do Parahyba.

Deu-se o mesmo com o nosso poeta. Depois dos primeiros enthusiasmos de artista, em que reclamava para si a ascendência espiritual da Grécia:

*A Hellade divina é certamente
o meu paiz de origem,*

canta elle hoje as «terras ancestraes» e a «terra do berço» :

*Terras distantes do ultra-mar..Burgos sombrios
da Ibéria, Braga, a heril, e Sevilha, a donosa,
espelhando-se ao sol, na placidez dos rios,
cheias de medieval belleza mysteriosa.*

*Frias paragens da alva Irlanda altiva e crente,
verde Erin, que de sonho e martyrio se doura,
ó terras ancestraes, pátria de minha gente,
sinto por vós uma affeição immorredoura!*

A cidade natal, sobretudo, merece-lhe estrophes commovidas :

*Meu carinho filial e meu sonho de poeta
vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
em teu plácido valle, entre collinas, quieta,
como um éden terreal de encantos seductores!*

É o caso ele felicitar a Matto Grosso e ao Brasil. Urge nacionalizar as nossas letras. E José de Mesquita dispõe de largos recursos para collaborar brilhantemente nesse patriótico programma. Não é um desses trovadores vulgares, que passam a vida a versejar as mesmas ideas e lugares communs, com meia dúzia de vocábulos poéticos. E um estudioso. Já é um erudito. E um pesquisador intelligente e infatigável dos nossos archivos. Cultiva, como poucos, o vernáculo. Prima tanto no verso como na prosa. E, o que mais importa, é um espírito superiormente orientado pelos ideaes mais nobres e puros. Passada a quadra em flor das illusões, em que levou também elle a sua oblata ás aras de Cythera, encara hoje, com rara clarividência e descortino, a grande missão da arte literária. O seguinte soneto, com que fecharemos a serie das citações, symboliza bem a alma dos poetas, tal como elle hoje a quer, na sobrançeria do seu vôo e na candura intemerata das suas azas:

A Garça

*Pantanal. Água e céus. Solidão silenciosa.
Num remigio, a cortar as aguadas serenas,
vai a garça a voar, na tarde cor de rosa,
e da água escura á tona a aza lhe aflora apenas.
Passa e no limo objecto e na vasa asquerosa,
não se lhe mancha o alvor e a candidez das pennas*

TERRA DO BERÇO

*pois no voo subtil deslisa, donairoso,
sobre as águas de lodo e de impureza plenas.*

*Alma de poeta, sê qual a garça voando
sobre o vil atascal e sobre a lama impura,
olhos postos no azul, no ether sereno e brando...*

*Conserva teu ideal, tua illusão querida,
e não turves jamais das azas a brancura
no sórdido paul das torpezas da vida.*

Por tudo isto, é que me sinto feliz de que seja este o primeiro livro, em cujo frontispício, ao entrar para a Academia Brasileira, dá-se-me a honra de subscrever o meu nome, que embora de si mesmo insignificante, valerá, todavia, pelo prestígio official de tão alta investidura.

Bordo da Iguatemy, Junho de 1927.

f Francisco
Arcebispo de Cuiabá

JOSÉ DE MESQUITA

Matto-Grosso Heroico

E me é agradável reconhecer que nenhuma lógica sceptica, nenhuma geral vulgaridade, falsidade ou aridez possa, em tempo algum, destruir ao seu influxo esta nobre e innata realidade, este culto dos heróes, que é profundamente humano.

(Carlyle, *Os heróes*)

Desdenhando do amor a paixão transitaria,
Que tem a duração de uma idade somente,
Minha Musa prefere evocar a memória,
Os feitos e as acções que honram a nossa gente.

(Cepellos, *Os bandeirantes*)

Canção mattogrossense

Descendentes dos fortes bandeirantes
que desbravaram o sertão natal,
em nossos peitos pulsam estuantes
esses grandes anhelos para o ideal.

Delles herdamos o denodo e a fibra
máscula e rija do heroísmo audaz.
Ante os perigos a nossa alma vibra.
Nenhum receio estremecer-nos faz.

Nas nossas veias corre sangue heróico,
temos a velha tempera ancestral
de Antonio João, humilde e obscuro estóico,
e Baptista das Neves, o immortal.

Florões de ouro nas paginas gravados
de nossa Historia, como iguaes não ha,
são Melgaço, Sará, Coimbra, Dourados
e mais Laguna, Alegre e Corumbá.

Da grande natureza a força haurida
nos faz desde crianças aprender
que a liberdade vale mais que a vida
e que o homem só é escravo do dever.

Terra amada, onde o céu é eternamente
azul, a selva verde, o campo em flor,
quem ante os teus encantos se não sente
cheio de crença, de esperança e amor?

És toda uma lição de força e alento,
a te estenderes, sob o céu azul,
dos pantanaes do Norte almo e opulento
às campanhas bellissimas do Sul...

Terra mattogrossense, une os teus filhos
num forte amplexo de amizade e paz,
para que ninguém mais offusque os brilhos
do teu destino esplendido e vivaz!

Os descobridores

(Século XVIII)

Vinham de muito longe aquelles sertanistas,
rompendo a selva espessa, a solidão bravía,
valle aberto em marneis, serra ouriçada em cristas,
rios e igarapés, sem descansar um dia.

Vinham de muito alem, em busca de conquistas
de índios e do ouro bom que nesta terra havia
e, destemido, o bando heróico de paulistas,
palmo a palmo, o sertão perigoso corria . . .

Traz dos coxiponés e do ouro e dos diamantes,
depois de muito esforço e lida foram dar
a Cuyabá, e, ali, os bravos bandeirantes

ergueram o arraial, entre as verdes collinas,
sendo governador o Conde de Assumar,
capitão-general de São Paulo e das Minas.

Civitas Mater

A Cuyabá

Meu carinho filial e meu sonho de poeta
vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
em teu plácido valle, entre collinas, quieta,
como um Éden terreal de encantos seductores

Tuas várzeas gentis estrelladas de flores
sagram-te do sertão a Princesa dilecta
e o sol te elege, quando, em íris multicores,
na esmeralda dos teus palmares se projecta.

Nenhuma outra cidade assim á alma nos fala.
Dos teus muros senis a tradição se exhala
e a nossa Historia inteira em teu brasão reluz.

Ainda hoje em teu ambiente, ó minha urbe querida,
paira dos teus heróes a sombra estremecida
— nobre Villa Real do Senhor Bom Jesus!

A Serra dos Martyrios

Quando criança sempre ouvi falar
dessa serra bellissima e lendária,
empós da qual, numa ânsia tumultuaria,
muitos se foram para não voltar.

Deixavam o socego do seu lar,
em busca de riqueza visionaria,
e, padecendo dôr e angustia varia,
jamais a conseguiram vislumbrar!

E ria-me dos que, na faina obscura,
pela idealização que não se alcança,
sertões a dentro se iam, á aventura...

Mal via então — não fosse uma criança!
que levamos a vida na procura
da Serra dos Martyrios da esperança.

Novo bandeirante

Ao General Rondon

Foi isso ha muito tempo...Inda, incertas, fluctuavam
as; névoas da manhan que viu chegar Cabral
e em toda a natureza hymnos mil se alternavam
na apotheose de luz do amplo céu tropical.

Descobrira-se um mundo e, entretanto, a esse mundo
do mysterio envolvia o denso e escuro véu
e, esphinge a decifrar, ficava, ermo e profundo,
o infinito sertão sob o infinito céu.

Quiz, porém, o destino aqui nestas paragens
uma raça crear, ardente como os sóes,
que nas veias tivesse o sangue dos selvagens
e na alma a fibratura e o arrojo dos heróes,

um povo forte e bom, abnegado e lhano,
talhado a molde antigo, ousado, forte, audaz,
tismado pelo ardor do sol americano,
forte na lucta quão magnânimo na paz.

TERRA DO BERÇO

E começou, então, essa lide gloriosa,
o homem a conquistar a terra. Abre-se então
na nossa historia essa epopéa luminosa
das bandeiras fazendo a rota do sertão.

Aos poucos, palmo a palmo, a nossa virgem terra
foi mostrando, um por um, seus escrínios gentis
os thesouros sem fim que o seu sub-solo encerra,
activando a ambição em assomas febris.

É a pagina de luz que os velhos sertanistas
escreveram um dia, entre arrojios geniaes,
quando as grandes monções e bandeiras paulistas
descobrem Matto-Grosso e Minas e Goyaz.

Hoje que se passou esse cyclo brilhante
e que a voz do progresso — a civilização —
reboa no paiz, qual hymno triumphante,
dos valles ás rechans, da cidade ao sertão,

ainda existia, entanto, uma região bravia,
esplendida e feraz, á espera do valor
do denodado heroe que a desbravasse um dia
— e esse heroe fostes vós, egrégio luctador.

JOSÉ DE MESQUITA

Atravessando mil desconhecidas zonas,
entre riscos sem conta, impávido, a seguir,
do rico Matto-Grosso ao cálido Amazonas
vós abristes a rota ás gerações por vir.

Accrescentastes mais um capitulo á historia
das bandeiras rasgando amplos sertões hostis.
Abra-se para vós o céu azul da Gloria,
pois que fizestes jus ás bençans do paiz !

O Braço de minha terra

Virtute plusquam auro

(No bicentenário de Cuiabá)

Bem notável contraste o que ora ostentas
em tua festa, ó minha terra amada!
porquanto hoje mais moça te apresentas
do teu terceiro século á alvorada.

Verde, do ouro do sol engalanada,
das mais singelas graças te ornamentas,
e falas mais a esta alma extasiada
do que o esplendor das urbes opulentas.

Deus para a gloria e para o bem te fade,
colmando-te de láureas peregrinas
e, num futuro de prosperidade,
faça que esplendam, com sublimes brilhos,
mais que o ouro a irradiar de tuas minas
as virtudes heróicas dos teus filhos.

Dourados

Episodio da invasão paraguaya em
Matto Grosso
(29 de Dezembro de 1864)

Dulce el decorum est pro Patria mori.
(Horacio, Odes. 111, 2, 13)

I

Tarde. No acampamento o silencio é profundo.
É a hora da sésta. O rio escachoando
apenas rompe a calma. O céu se arquêa, ao fundo
da paisagem, num tom azul, lavado e brando.

Dezembro, quasi findo, o mez almo e bemdicto,
trouxe com sigo a meiga orchastração dos ninhos,
reverdeceu o monte e o valle e no infinito
firmamento espalhou nuvens e passarinhos.

É ao tempo da cheia. O rio cresce e alaga
praias, grotas, vergeis, campos circumjacentes
e se estende em redor fertilizando a plaga
e se expande brutal, na força das enchentes.

Passara sem chover o dia todo. Ardera
o sol sobre a campina erma e despovoada.
Límpido, o céu azul sobre a terra estendera
o seu amplo docel de saphira dourada.

Ó campanhas do sul, que o écho guardaes vibrante
da epopéa sem par da invasão temerosa,
ó Serra do Amambahy, agua azul do Brilhante,
ligada para sempre á Historia gloriosa,

II

e tu, pequena e audaz colônia de Dourados,
salve, ó tu que nos deste, em sangrento baptismo,
essa consagração dos povos destinados
aos prélios immortaes da gloria e do civismo!

No céu de ouro e de anil a luz, lento, desmaia.
Lânguida a tarde cai e a sombra docemente
envolve tudo, o céu, a terra, o valle, a praia,
e no horizonte assoma o pallido crescente.

De súbito se nota um alvoroço insueto
percorrer e agitar a. colônia impassível.
Corre de bocca em bocca um murmurio discreto
e vai de rancho em rancho uma noticia horrível.

Alarma-se e, assustada, á rua corre toda
gente da povoação a commentar o factio
e a noticia se espalha e é o assumpto em cada roda
e eis que todos se põe a commentar o boato,

TERRA DO BERÇO

o logarejo sai da placidez diuturna
e se anima. Ao luar vê-se, por todo lado,
gente a falar. Quebrando a quietação nocturna,
vibra um som de clarim no espaço socegado.

O commandante, a par da noticia alarmante,
convoca a gente da colônia, estupefacta,
e faz-lhe ali saber que uma força assaltante
vinha marchando sobre a praça timorata.

Incita-os a depressa abandonar a praça...
Naquella mesma noite, as crianças pequeninas,
as mulheres e anciãos, receiosos da desgraça,
partiram, a fugir das hordas assassinas.

Quando o ultimo velho, encanecida a fronte,
sumira pela estrada erma, quieta e sombria,
o sol vinha dourando a fimbria do horizonte,
no, primeiro clarão indeciso do dia...

III

Foi então que o valente Antonio João se vendo
só com seus quinze — ó grande ironia da sorte!
quinze contra a legião ! — a morte já prevendo,
quiz, melhor do que a fuga e a rendição — a morte.

JOSÉ DE MESQUITA

Quinze homens somente! E elles vinham sedentos
de sangue e de vingança, em ímpetos irosos,
na arremettida da invasão, feros, violentos,
cheios de estranho ardor e em bandos numerosos.

Quinze homens a querer se oppôr á onda bravia,
— grão de areia a tentar pôr diques ao oceano —
mas esperam sem medo e assim lhes corre o dia
nos aprestos da lucta, em um afan insano.

O emissário da Urbietta eis que chega intimando
a rendição da praça e já, bellicamente,
dispõe-se a imiga tropa a obedecer-lhe ao mando
de arrazal-a si, acaso, a achasse resistente.

Diante da intimação, sereno, firme, heróico,
responde Antonio João, num timbre decidido,
com um desdém que faria a gloria de um estóico
e num arrojo que jamais foi excedido:

“Morro, o sei, mas meu sangue e o dos meus
companheiros
hão de ser um protesto ante a invasão ousada! “
E foi... pois nesse instante aquelles brasileiros
encarnaram em si toda a Pátria ultrajada.

Rompe-se o fogo após... Forte fuzilaria
que uns minutos durou. E quando Urbieta, adiante
dos seus, entrou a praça, entre os mortos se via
um sorriso na face, o bravo commandante.

IV

Bella e sublime acção! Esses heróis souberam
mostrar á humanidade a insólita grandeza
do culto do dever que illeso mantiveram,
num gesto de espartana e máscula nobreza.

Martyres, vosso sangue é a rubra sementeira
de heroísmo, a abrolhar exuberantemente,
no solo virginal da terra brasileira,
através do porvir, em floração virente!

Heróis, a Pátria liga o vosso nome ao della,
perpetuando-o através de longínquas edades,
e elle ha de persistir na tradição singela
dos mais ínvios sertões ás mais bellas cidades !

Feliz terra à que aleita em seu robusto seio
estes nobres heroés de façanhas honrosas,
cujo peito de arrojo e lealdade cheio
sabe ser forte e bom, como as águias gloriosas!

Hoje, do céu da Gloria onde vive a sua alma,
Antonio João, o bravo e obscuro commandante,
parece repetir aquella phrase calma,
que é a synthese final de uma vida brilhante:

“Morro, o sei, mas meu sangue e o dos meu compa-
nheiros
hão de ser um protesto ante a invasão ousada! “

.....
E foi... Pois despertou, aos rudes trons guerreiros,
da lucta e da victoria a esplendida alvorada!

Symbols

A Garça

*E vai com a vaza como pelo mundo
a alma do poeta sem manchar as pernas.*

Alberto de Oliveira

Pantanal. Água e céus. Solidão silenciosa.
Num remigio, a cortar as aguadas serenas,
vai a garça a voar, na tarde cor de rosa,
e da água escura á tona a aza lhe aflora apenas.

Passa e no limo abjecto e na vaza asquerosa
não se lhe mancha o alvor e a candidez das pennas,
pois no vôo subtil desliza, donairoso,
sobre as águas de lodo e de impureza plenas.

Alma de poeta, sê qual a garça voando
sobre o vil atascal e sobre a lama impura,
olhos postos no azul, no ether sereno e brando...

Conserva teu ideal, tua illusão querida,
e não turves jamais das azas a brancura
no sórdido paul das torpezas da vida...

Arvore Morta

Essa arvore que vês tão desolada,
secca, sem folhas, balouçando ao vento
os galhos nus, do albor da madrugada
ao decahir da tarde, ora ao relento

da noite, ora nos éstos abrasada
do meio dia tórrido, um rebento
jamais lhe nasce e vive abandonada,
naquelle fim de campo ermo e areento.

Na sua solidão relembra um dia
quando a fronde gloriosa aos céus erguia,
na apotheose dos ninhos e das flores. . .

Arvore morta! Em ti eu vejo a imagem
de uma terra que vive da miragem
de seus passados e áureos esplendores...

Águas batidas

Ó águas que correis encachoeiradas,
abafando entre pedras vossas maguas,
sais como as minhas dores recalçadas,
ó do Monjolo crystalinas águas!

Da lisa lage ás rochas empinadas
ides de encontro e como em rudes fraguas,
tal eu do curto gozo ás prolongadas
penas me vou, pois dentro d'alma trago-as.

O segredo da vossa limpidez
está nisso de serdes bem batidas
nas lapides por onde decorreis.

Assim tire eu das dores padecidas,
em força, em resistência, em altivez,
o mérito que eleva as nossas vidas.

Matto-Grosso evocativo

. . . uma pagina sempre aberta de um poema que não fui escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

(Arinos, Burity perdido)

**Ah! quem te vira assim no alvorecer da vida,
Bruta Pátria, no berço, entre as selvas dormida,
No virginal pudor das primitivas éras . . .**

(Bilac, O caçador de esmeraldas)

Terras ancestraes

Si evoco a era passada, as pristinas edades
em que os meus archi-avós existencia tiveram,
acódem-me á memória as longínquas cidades
donde esses ancestraes ha longos annos vieram.

Terras distantes do ultra-mar... Burgos sombrios
da Ibéria-Braga, a heril e Sevilha, a danosa,
espelhando-se ao sol na placidez dos rios,
cheias de medieval belleza mysteriosa.

Frias paragens da alva Irlanda ativa e crente,
verde Erin que de sonho e martyrio se doura,
ó terras ancestraes, pátria de minha gente,
sinto por vós uma affeição immorredoura !

Vivo em vós e viveis em mim, terras queridas
de onde (ramos de um tronco a extranho clima um dia
transplantados) os meus em eras esquecidas
vieram, como vos quero, em minha fantasia!

